

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
CÂMPUS UNIVERSITÁRIO DE URUAÇU

LUDYMILA FERNANDES ALVES

ARTE, DESENHO E EDUCAÇÃO: Uma análise de Van Gogh

URUAÇU-GO

2023

LUDYMILA FERNANDES ALVES

ARTE, DESENHO E EDUCAÇÃO: Uma análise de Van Gogh

Monografia apresentada à Universidade Estadual de Goiás/Campus Uruaçu, como requisito parcial avaliativo para conclusão do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientador: Professor Dr. Edmilson Marques.

URUAÇU-GO

2023

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a minha mãe Simone e a minha tia Mônica, por ter me proporcionado forças e me incentivado quando mais precisei para poder concluir esse trabalho.

Ao meu orientador, pelas correções, ensinamentos, por sempre ter me ouvido e pela paciência com a qual me permitiu apresentar um melhor desempenho no meu processo de pesquisa e formação.

As pessoas com quem convivi ao longo desses quatro anos de curso, pelo companheirismo, pela troca de experiências e aprendizado, que tiveram impacto na minha formação acadêmica.

A todos vocês que de alguma forma contribuíram.

“Quero que pessoas digam de meu trabalho: aquele homem sente profundamente, aquele homem sente agudamente...Apesar de minha chamada grosseria, talvez até por causa dela... eu gostaria de um dia mostrar com meu trabalho o que um excêntrico, um zé-ninguém desses, tem em seu coração.”

Vincent Willem Van Gogh

Resumo

Trata-se de um estudo sobre a contribuição do desenho para a formação do indivíduo na sociedade. Desta forma, os objetivos da pesquisa é compreender como o desenho exerce esse papel. A pesquisa se fundamenta no seguinte problema: o desenho pode ser utilizado como instrumento educativo, o qual proporciona uma formação para o indivíduo que estabelece um contato com ele? Para realizar esse estudo, tomamos como fonte de análise o caso específico de Vincent Van Gogh. Para resolver este problema foi realizada uma revisão bibliográfica sobre o conceito de arte, relacionando a mesma com o artista analisado. Deste modo foi possível compreender que o desenho pode sim ser usado para proporcionar formação ao indivíduo, isso fica claro ao analisarmos o artista Van Gogh, que é um auxílio de suma importância para elevação do potencial criador. Portanto, com os resultados dessa pesquisa, espero contribuir para que a sociedade se conscientize sobre a importância do desenho, extinguindo o olhar de uma disciplina voltada somente para o lazer, com desenhos prontos e contribuindo também para a melhoria da vida profissional dos artistas nesta área.

Palavras-chave: Arte, Van Gogh, Desvalorização, Padronização, Desenvolvimento, Educação.

Abstract

This is a study on the contribution of drawing to the formation of the individual in society. In this way, the objectives of the research is to understand how drawing plays this role. The research is based on the following problem: can drawing be used as an educational instrument, which provides training for the individual who establishes contact with it? To carry out this study, we took as a source of analysis the specific case of Vincent Van Gogh. In order to solve this problem, a bibliographic review was carried out on the concept of art, relating it to the analyzed artist. In this way, it was possible to understand that drawing can indeed be used to provide training to the individual, this becomes clear when analyzing the artist Van Gogh, who is a very important aid for the elevation of the creative potential. Therefore, with the results of this research, I hope to contribute to making society aware of the importance of drawing, extinguishing the look of a discipline focused only on leisure, with ready-made drawings and also contributing to the improvement of the professional life of artists in this área.

Keywords: Art, Van Gogh, Devaluation, Standardization, Development, Education.

Sumário

	Pág.
INTRODUÇÃO.....	04
1 COMPREENSÃO DO CONCEITO DE ARTE	06
1.1 Explorando a Arte	06
1.2 Arte e Educação.....	09
2 UM OLHAR PARA VIVENCIAR O PINTOR DE GIRASSÓIS.....	17
2.1 Contexto Social	17
2.2 Vincent Van Gogh	19
2.3 O amarelo da arte.....	25
3 VAN GOGH E A FORMAÇÃO PELA ARTE DO DESENHO.....	30
3.1 O que Van Gogh promove ao indivíduo?.....	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
REFERÊNCIAS.....	40

Introdução

A presente proposta de estudo sobre o desenho e a educação, já vinha sendo pensada desde o início da graduação. A escolha do mesmo se deu em consonância com experiências vividas e relatos apresentados por outros desenhistas autodidatas que também passaram pela falta de incentivo no quesito do desenho quando estudaram.

Dessa forma, a partir das minhas observações, uma das questões que comecei a refletir é se o desenho poderia servir de mediação pedagógica no processo ensino/aprendizagem. Percebe-se que, o mesmo é uma forma de linguagem, que possibilita a criança expressar seus sentimentos, medos, vivências e sonhos, ainda que não saiba escrever.

A partir das leituras realizadas, foi compreendido que este assunto é necessário e amplo, porém, não é algo abordado com tanta frequência na sociedade. No entanto, existem várias obras que relacionam ambos os assuntos. Por exemplo, na concepção da autora Moreira, (2002, p. 72), “a criança perde a confiança em seu desenho, porque perdeu a confiança em sua palavra.” Ela também relata em sua obra, que o tempo que destinamos à arte, é um tempo destinado a si próprio, pois nos apossamos dos nossos pensamentos e sentimentos.

Dessa forma, existem diversas obras que buscam retratar a importância do desenho. Para mostrar essa importância, temos como exemplo a obra “Leonardo da Vinci”, de autoria de Walter Isaacson (2017), onde é apresentada toda a sua trajetória. O autor mostra que sua única educação veio de uma escola de ábaco, com conhecimentos voltados para o comércio, e mesmo assim, além de um grande artista, é também considerado o mais famoso polímata, pois seu conhecimento é imenso.

Nessa obra é possível observar todos os valores da arte. Partindo desse quesito, o problema que guiou essa investigação centrou-se na seguinte questão: o desenho pode ser utilizado como instrumento educativo, o qual proporciona uma formação para o indivíduo que estabelece um contato com ele? Para realizar esse estudo, tomamos como fonte de análise o caso específico de Van Gogh.

Apesar do problema principal citado acima, outros problemas são decorrentes dessa questão, como por exemplo, o desenho atualmente é visto como uma forma de lazer e sem utilidade, além da arte ser uma disciplina ilustrativa nos currículos escolares. Alguns docentes ignoram o quanto pode ser enriquecedor o seu ensino e incentivo. Para responder a estes questionamentos, serão utilizados relatos do artista Van Gogh, essas informações serão coletadas a partir de documentários e recursos biográficos.

Dessa forma, a escolha deste problema busca analisar o ideal estético e criador, pois atualmente grande parte das artes realizadas nas escolas são voltadas para o ideal do “bem feito”, o mesmo faz com que a criança deixe de lado todo o seu sentimento e sua crítica.

Partindo disso, este estudo tem como objetivo geral analisar de que forma o desenho como instrumento educativo pode atribuir uma formação para o indivíduo, buscando analisar algumas hipóteses prévias, que se referem às falhas na educação, às qualidades dos desenhos realizados por crianças e principalmente a falta de incentivo. Além do mais, será utilizado nesta pesquisa o método dialético e o conceito de arte, o mesmo será baseado na concepção do autor Nildo Viana.

Portanto, a pesquisa está dividida em três capítulos, sendo que o primeiro é teórico, onde será abordado as ferramentas de análises, mais especificamente o conceito de arte. Diante disso teremos um debate da perspectiva teórico-metodológico aqui adotada, buscando analisar o que é arte, sua história, seus fundamentos e sua importância.

O segundo capítulo, contém informações sobre o objeto de pesquisa apresentado, usando como fonte de análise o pintor Van Gogh. Dessa forma, no mesmo será retratado a biografia do artista, o método usado, suas obras, inspirações e a sua relação com o desenho, demonstrando sua pequena e conturbada carreira de artista.

Já o terceiro capítulo é analítico, será apresentado no mesmo os resultados analisados a partir das obras selecionadas. Sendo assim, toda a pesquisa buscará mostrar a relação do desenho com o desenvolvimento do indivíduo. No decorrer da mesma, será possível notar o quanto o desenho contribuiu para o artista Van Gogh como uma parte vital de si, fazendo com que o mesmo conseguisse reproduzir tudo o que sentia e via na sociedade em que estava inserido.

CAPÍTULO I

COMPREENSÃO DO CONCEITO DE ARTE

Neste primeiro capítulo do estudo, foi realizada uma discussão sobre o conceito de arte. Para que isso fosse possível, foi necessário analisar alguns conceitos fundamentais para a consolidação da mesma. Sendo assim, essa definição será realizada destacando as principais reflexões do filósofo e sociólogo brasileiro Nildo Viana.

Dessa forma, no decorrer do mesmo será apresentado como a arte atribui formações ao indivíduo, articulando a mesma com o âmbito educacional, onde será abordado questões que emergem no processo de ensino da arte principalmente para as crianças.

1.1 EXPLORANDO A ARTE

Segundo Nildo Viana, para definir o que é arte, não devemos o fazer a partir dos artistas ou dos ideólogos, mas sim através da sua manifestação histórica concreta. A partir disso é definido que obra de arte é uma expressão figurativa da realidade, ou seja, ela exprime as concepções, valores e sentimentos daqueles que as realizam, no caso o artista, que para ele é considerado um indivíduo normal, social e histórico.

Em sua concepção, é possível destacar que a arte não é o reflexo da realidade e que os artistas não são seres solipsistas. Na sociedade capitalista, o autor diz que a arte não é apenas uma produção artística, mas sim uma esfera social. E os artistas dessa esfera buscam autonomia e independência diante das classes dominantes. Dessa forma, ela é axiológica, ou seja, reproduz valores dominantes da sociedade.

É preciso lembrar que a concepção criticada por Viana, é a de que para se produzir arte é necessário ter um dom ou uma sensibilidade estética. Segundo ele, isso não passa de uma ilusão, pois coloca uma capacidade potencial em poucos, mas todo ser humano tem. Sendo assim, a obra de arte deve ter o propósito de emancipar a humanidade, por isso deve ser crítica e transformadora.

Viana sustenta sua teoria em Karl Marx. Para ele, Marx nunca escreveu uma teoria ampla sobre arte, porém a partir dos fragmentos deixados em suas obras, é possível compreender sua concepção. Marx compreendia a sociedade como uma totalidade, para ele a arte é uma superestrutura, um produto social. É diferente da ciência e da religião, por esse motivo a mesma deve ser exercida livremente.

Segundo Viana, a arte surge com o processo de expansão capitalista da divisão social do trabalho, marcado pelas lutas de classes, causando a sua autonomização, ou seja, surge uma

camada de especialistas em arte, ocasionando a mercantilização da mesma. Dessa forma, o campo artístico não é completamente autônomo, pois existem leis específicas e gerais entrelaçadas. Com isso, o valor da obra se torna um produto do próprio campo, cuja validade é ilusória.

O mesmo diz que a arte e a sociedade devem ser observadas através de uma perspectiva crítica. A partir disso fundamenta na crítica do capitalismo e no engajamento político para transformar o mundo, contribuindo para a emancipação dos trabalhadores. Segundo ele, a arte só é reconhecida pela burguesia quando se transforma em mercadoria, proporcionando lucro.

Dessa forma, ele afirma que a produção capitalista é hostil a determinadas produções intelectuais, como por exemplo a poesia e a arte. Segundo Marx, “Mesmo as produções intelectuais mais elevadas só são reconhecidas e aceitas pela burguesia porque se apresentam como produtoras diretas de riqueza material e são indicadas erradamente como tal.” (*Apud* VIANA, 2007, p. 24)

Em seus fragmentos, também é dito que a atividade criativa prática empenhada nas transformações do ambiente, é uma das características que distinguem os homens dos animais, pois esse trabalho de criatividade nasce a partir das necessidades e intenções humanas. A arte, em sua concepção, não é uma criação arbitrária, mas sim necessária e eficiente, independente da sua qualidade.

Portanto, Marx também relata que é possível uma sociedade atrasada produzir arte avançada, e cita como exemplo a arte grega, que para ele é a infância da humanidade, por isso sempre está presente. Ele diz que não podemos voltar a produzir arte grega, pois esse fato seria “infantil”, mas, que devido ao encanto que temos por ela, podemos procurar reproduzi-la, num nível diferente.

Além disso, o sociólogo Max Weber também não elaborou uma visão sistemática sobre a arte, o fio condutor de sua análise é a racionalização. A arte para ele, inicia o processo de entender os seus próprios significados, remetendo ao problema da racionalização. Segundo Weber a mesma existia de forma “não racional” em várias culturas, mas somente no ocidente que ela se torna racional, passando a ter uma legalidade própria, comandada por valores estéticos.

O processo de racionalização exposto por ele, não é um processo histórico metafísico, mas sim um desenvolvimento da ação social. Esse processo está ligado às mudanças estruturais, culturais e sociais que as sociedades passaram no decorrer do tempo. A partir dessas mudanças de pensamentos, se tem a criação do capitalismo. Sendo assim, as esferas são efetivadas pela

ação social de sujeitos específicos, que de acordo com o individualismo metodológico de Weber é o indivíduo.

Dessa forma, podemos notar que em sua concepção a preocupação é compreender a formação e a peculiaridade da civilização ocidental. Weber afirma que a arte deve ser compreendida e não julgada. O mesmo, também ressalta que a arte tem função de salvação das rotinas, cotidiano e das crescentes pressões do racionalismo, ou seja, a esfera artística vai surgindo e se autonomizando, criando seu próprio “cosmo de valores”. Portanto, podemos dizer que a concepção de arte que Weber elabora, é relacionada aos problemas da racionalidade, dessa forma, ele concebe a arte como uma esfera autônoma e racional, buscando compreender a realidade.

Do mesmo modo, o sociólogo Pierre Bourdieu relata em sua concepção de sociologia da arte, um circuito complexo de produção, reprodução, percepção e consumo da obra artística, inseridos em um conjunto de relações sociais. É um dos principais nomes, vinculados aos estudos sistêmicos da arte, ou seja, essa área estuda a arte como um sistema cultural. Para ele, a sociedade é dividida em campos, e o campo artístico nasce subordinado aos demais, principalmente o político e o econômico. A noção de campo para ele, associa-se à noção de habitus, o mesmo tende a produzir práticas e ações que ajustam as estruturas do campo. Em seus estudos sobre a gênese do campo artístico, Bourdieu busca explicar o processo de formação deste campo, enfatizando principalmente o campo literário, pois segundo ele, é com Flaubert e Baudelaire que se inicia a autonomização e estruturação da arte.

Segundo Bourdieu, Flaubert realiza com seu romance “A educação sentimental”, o mesmo que Manet fará com a pintura, a invenção da estética pura sobre a arte. Pois o romance retrata a formação e estruturação do campo artístico. Ambos, praticaram a revolução do realismo, cada um em sua área.

Manet, era duramente criticado pelos órgãos oficiais da arte, mesmo sendo de família burguesa. Praticou o radicalismo na arte, por não seguir todos os métodos impressionistas. Ele eliminava os tons claros, adicionava sombras e utilizava principalmente o preto. Somente após sua morte, conseguiu vencer a resistência crítica. Os críticos que nunca compreenderam sua forma de arte, levantaram-no para a celebridade.

Sendo assim, dentro do mesmo, é formado três concepções de arte, no entanto a que mais colabora com a estruturação do campo, é os adeptos da “estética pura” ou “arte pela arte”, que visava a autonomia da arte, privilegiando apenas a estética e não os valores morais.

Contudo, a invenção do “olhar puro” sobre a arte, explica o fato de uma obra de arte não ser apenas um utensílio e de um pintor de paredes não ser um artista.

Sua concepção também declara o processo de autonomização do campo artístico, relacionando-o com a expansão do mercado, pois esse campo é constituído por um conjunto de instituições e locais de exposição, criando um valor artístico e “autonomia”. A partir dessa competição interna, é criada a ilusão de autonomia da arte, surgindo assim o chamado fetichismo da arte.

O produtor do valor da obra não é o artista, mas o campo de produção enquanto universo de crença que produz o valor da obra de arte como fetiche ao produzir crença no poder criador do artista. Sendo dado a obra de arte só existe enquanto objeto simbólico, dotado de valor se é conhecida e reconhecida, ou seja, socialmente instituída como obra de arte por espectadores dotados da disposição e da competência estéticas necessárias para a conhecer e reconhecer como tal, a ciência das obras tem por objeto não apenas a produção material da obra, mas também a produção do valor da obra ou, o que dá no mesmo, da crença no valor da obra (BOURDIEU, 1996, p. 259)

Por esse motivo, é criado um modo de percepção da obra de arte, que ultrapassa os agentes produtivos do próprio campo, penetrando ao público. Bourdieu define isso como competência da arte, que está ligada ao processo de produção de crença na mesma. Desse modo, em sua concepção, são vistas a arte popular, que expressa na poesia popular aquilo que na maioria das vezes não é profissional. A mesma nunca entrou na competição pelo monopólio do campo artístico, e a arte engajada, é uma negação das próprias leis do campo, por esse motivo não pode ser explicada pelo mesmo.

Portanto, Bourdieu identifica a gênese do campo artístico com o surgimento do capitalismo, mais especificamente com sua consolidação no século XIX e com a expansão da divisão social do trabalho, promovida pelo mesmo. Dessa forma, podemos notar um elemento em comum em sua concepção e na de Marx e Weber, os três percebem que é com a ascensão do capitalismo que surge a produção artística especializada.

Após essa reflexão sobre o conceito de arte, concluímos esse tópico evidenciando que, a concepção que assumimos nesta monografia, é a que converge com a definição apresentada por Viana. Segundo ele, a arte é uma expressão figurativa da realidade, e enquanto tal transmite valores, interesses etc. É assim que observamos o conceito de arte e é por este viés que analisaremos o caso específico de Van Gogh.

1.2 ARTE E EDUCAÇÃO

A princípio, neste tópico será abordado o livro Leonardo da Vinci, de Walter Isaacson (2017), visando demonstrar com outro artista, como a arte também contribuiu para o seu desenvolvimento, mesmo que o artista abordado tenha aprendido grande parte sozinho, ainda precisou de incentivo e valorização da sua arte. O autor apresenta neste livro as descobertas apresentadas nos cadernos de Leonardo, sua trajetória e como tudo isso influenciou a arte. O mesmo é conhecido como autodidata, pois sua única educação formal veio de uma escola de ábaco, onde o conhecimento era enfatizado para o uso nos comércios. Apesar disso, ele tinha diversas habilidades em engenharia, projeto de pontes, canhões, artista etc., pois sempre buscava aprender, era conhecido como arquétipo, o “homem da renascença”. Dessa forma, o Dia Mundial do Desenhista (15 de abril), foi dado em sua homenagem, pois é o dia do seu nascimento.

Pessoas daquela época acreditavam que as anotações dele eram feitas de forma secreta e só podiam ser lidas com um espelho, porém, Walter diz que Leonardo escrevia e desenhava da direita para a esquerda, pois era canhoto e não queria borrar o papel de tinta ao deslizar a mão. Grande parte de seus saberes aprendeu com Verrocchio, principalmente a beleza da geometria e como usá-la no desenho. Foi encontrado diversos desenhos em seus manuscritos sobre isso.

Nos seus esboços, procurava sempre fazer traços leves para capturar estados mentais. Ele também dizia que um bom pintor não deve se preocupar com a posição dos membros, mas sim com o movimento, ou seja, a obra não deve significar outra coisa além do estado mental verdadeiro. Podemos notar isso, pois segundo Da Vinci, “Não desenhe os membros de sua figura com contornos fortes, ou terá o mesmo destino de diversos pintores que faziam questão de que cada mínimo traço em carvão fosse definitivo.” (*Apud ISAACSON, 2017, p. 107*).

No referente livro é clara a evolução do artista ao aprender novas técnicas e se apropriar delas. Além disso, era muito difícil ele entregar uma obra. Segundo o autor, sua fama era de inconfiável, pois quando gostava de um determinado esboço, carregava consigo, buscando aperfeiçoá-lo. Um exemplo disso é a própria Monalisa, que nunca foi entregue ao determinado dono. A pintura foi começada em 1503 e quando morreu a tela ainda estava em seu ateliê na França.

Em suas anotações é possível perceber que ele se gabava pelo fato de não ter recebido uma educação formal, pois precisou aprender a partir de suas experiências. Gostava de buscar conhecimento em conversas e livros. Segundo Da Vinci, “Aquele que pode ir à nascente de um rio não vai até um jarro de água”. (*Apud ISAACSON, 2017, p. 28*).

No decorrer da leitura podemos perceber que a pintura para ele não era só arte, era uma ciência, pois não exige só intelecto, mas imaginação. Um dos seus maiores eixos de estudo era a anatomia humana. Para ele antes de vestir um homem na pintura é necessário desenhá-lo nu, conseqüentemente suas anotações de estudo em 1489 tiveram foco em crânio, buscando revolucionar suas técnicas de desenho. Leonardo dizia que não podia ler todos os clássicos, pois era iletrado, mas como pintor podia fazer algo glorioso, ler a natureza.

Sempre buscava aperfeiçoar suas técnicas sobre óptica, luz e sombra, por isso suas obras chamam atenção. Na Monalisa, por exemplo, usou base branco chumbo para refletir melhor a luz, pinceladas de formas irregulares para dar uma textura humana para a pele e o famoso efeito Monalisa, os olhos que te encaram mesmo quando não estamos posicionados frente a ela. Todo o domínio que ele tinha sobre a luz ajudou a criar esse fenômeno.

Outro fenômeno muito falado é sobre o sorriso de Monalisa. A partir das anotações feitas, foi confirmado que Da Vinci passava noites no necrotério do Hospital de Santa Maria Nuova, analisando músculos e nervos do rosto, para saber quais usar quando pintar um sorriso. Desse modo podemos perceber como ele foi e é importante até hoje.

Além desta obra, que nos mostra aspectos da arte que atuam como meio de formação, há também o livro “Desenho na Educação Infantil”, escrito por Rosa Iavelberg, publicado em 2013. A autora diz que a criança na educação infantil, quando desenha, é transportada para diversos mundos. Dessa forma o professor permite que ela seja protagonista do seu trabalho.

A referente obra aborda a produção artística autoral. Na segunda metade do século XIX, começou a ser observado que a criança não precisava copiar desenhos elaborados por adultos, ou treinar até que conseguisse fazer igual. Segundo a autora, esse modo de ensino é completamente tradicional, ou seja, a ideia de desenho infantil passou a acompanhar os movimentos artísticos de cada época, deixando de ser aquilo que está emoldurado.

Com a leitura do livro é possível perceber a desconstrução da divisão do desenho em fases que vão da garatuja ao realismo, tirando a ideia de que o desenho de todas as crianças são ações espontâneas e iguais em todos os lugares. Ela diz que o desenho é uma proposição poética da infância até a idade adulta, o que muda é o resultado e os procedimentos.

São observados equívocos didáticos, que segundo a autora os docentes acabam pedindo para as crianças agirem fora da arte infantil, ela cita como exemplo os desenhos estereotipados. Um exemplo são os que pedem cores certas, isso acaba separando o desenho de autoria e potencial criativo. Rosa ainda diz que nem artistas modernos fazem isso, pois existem vários que brincam com as cores. Sendo assim, desenhos estereotipados, levam a estagnação,

assim como insegurança, colegas julgando, professores propondo cópias, falta de incentivo etc., segundo pesquisas da autora Lowenfeld apontava isso em 1947.

Conseqüentemente, o acolhimento e incentivo ao desenho pelo professor é de suma importância. Acompanhando as particularidades de cada aluno, será possível sentir o valor atribuído à sua dedicação. No livro também é citado que Franz Cizek foi responsável pelo primeiro ateliê para crianças, onde indicava técnicas para aquelas que tinham inseguranças e falta de ideias.

No decorrer da obra, observamos que o desenho da criança se alimenta daquilo que é visto em seu meio, como personagens de história em quadrinho, desenho animado, paisagem etc. Isso é mostrado através de uma sequência de desenhos feitos por uma criança chamada Rodrigo, dos quatro aos sete anos. É possível também notar sua evolução no decorrer do tempo. Rosa cita que é importante que o docente apresente sobre as demais formas de artistas, pois existe uma variação enorme de materiais, como papéis, linhas, parede e chão. Essa diversidade cria várias oportunidades para se aprender a desenhar.

No capítulo três a autora mostra algumas formas de trabalhar obras conhecidas em sala, como mostrar o pé desproporcional do Abaporu, de Tarsila do Amaral, proporcionando para a criança seu próprio pé em reprodução, para compreender o conceito daquele “desproporcional”. Outro exemplo é realizar uma atividade em que os alunos possam criar um rosto para a Mona Lisa e depois ver como cada um executou a proposta, percebendo a diversidade que existe, mesmo quando é passado o mesmo desafio para todos. “A criança da Educação Infantil é uma contadora de histórias diante das imagens da arte” (IAVELBERG, 2013, p. 69).

Essas propostas apresentadas, são meios de superar a abordagem de submissão. Quando a criança usa seu imaginário, podem usar cores sem correspondências, como uma baleia verde. Depende das decisões tomadas por ela para resolver esse problema. Em alguns casos as cores podem expressar emoções, uma pesquisa sobre aquela cor ou até mesmo a falta de incentivo para buscar uma nova. “Quanto mais abrangente, estimulante e libertador for a prática do desenho nesta etapa de sua vida, melhor será para o aluno, independentemente de ele vir a ser artista ou não.” (IAVELBERG, 2013, p. 129).

Portanto, ao concluir, a autora diz que não se sabe ao certo se as crianças sempre desenharam. O registro mais antigo foi encontrado na Rússia Medieval, por uma criança de aproximadamente seis anos, feitos em uma folha de bétula. Porém, só sabemos com certeza que assim como os adultos, seus desenhos serão diferentes, dependendo do contexto cultural em que se vive.

Seguindo ainda nesta reflexão sobre a arte e sua relação com a formação do indivíduo, recorreremos ao livro “A educação do educador”, escrito por Ana Angélica Albano Moreira, publicado em 2002, obra que nasceu a partir da prática como professora de educação artística. Os desenhos realizados pelas crianças levaram a autora à busca de teorias na psicologia. Baseado na obra, todas as crianças desenham, só basta ter um instrumento que proporcione esse ato, como um graveto, lápis, pincel e tinta. Para conhecer melhor as crianças, Ana diz que devemos vê-las enquanto brincam, a movimentação, expressão e o modo como desenham. O ato de desenhar é a primeira escrita da criança. No decorrer da obra podemos perceber que a criança pequena desenha pelo prazer do gesto, repetindo a mesma coisa várias vezes até ter o domínio sobre o movimento. Diversas vezes esse desenho para o adulto é só uma garatuja, algo incompreensível, já para a criança pode ser um barco. “A criança constrói para si mesmo a realidade da sociedade, e o artista constrói novas realidades para a sociedade.” (MOREIRA, 2002, p. 39).

A perda do desenho da criança é vista como a substituição de uma condição, isso revela como a criança é vista em algumas escolas. Submissa, a criança abandona sua palavra e adota a do educador. Isso acontece a partir do ato de exigir mudanças em algo que deveria refletir sua criatividade. Segundo Moreira, (2002, p. 51) “Se toda criança desenha, a maioria destas crianças quando cresce diz: “Eu não sei desenhar...” e também não cria mais histórias, endurece seu corpo e não canta mais.”

Contudo, a autora expressa em sua obra que a perda do ato de desenhar é um reflexo da falta de expressão dentro da escola, já que são poucos os docentes que percebem a importância dessa ação. No decorrer da leitura é possível ver professores abordando que só passou a conhecer e observar o aluno, após abrir as portas para esse dinamismo. “A criança perde a confiança em seu desenho, porque perdeu a confiança em sua palavra.” (MOREIRA, 2002, p. 72).

O tempo destinado à arte é um tempo destinado a si próprio, onde nos apossamos do nosso pensamento, mundo e dos sentimentos. Para concluir Ana ainda cita que a vida urbana engoliu isso, como exemplo, ela cita um aluno que dizia não saber desenhar e sempre esperava os modelos prontos dos professores. Com o tempo acabou descobrindo seu traço e visão. No final afirma que “a gente não perde o desenho, eles que nos tiram.”

Outra obra importante que fornece elementos para nosso estudo, foi desenvolvida pela pintora Edith Derdyk, que busca fornecer no livro “Formas de pensar o desenho-Desenvolvimento do grafismo infantil”, publicado em 2020, os materiais visuais, conceituais e

práticos, resgatando a relação criativa do educador com a pessoa que existe dentro dele. Ela diz que o desenho tem uma forma específica de se comunicar uma ideia, enquanto a criança desenha ela canta, dança, constrói história e imagina. Todas essas ações acontecem em um simples ato. Segundo Artigas, “o desenho é linguagem também e enquanto linguagem é acessível a todos.” (Apud DERDYK, 2020, p.31).

Dessa forma, podemos perceber que desenhar não é só copiar objetos, pessoas e formas, mas sim conhecer, apropriar-se. Desenhar tem um significado mais amplo que um simples manejo de lápis, seja no período pré-histórico, na arquitetura ou histórias em quadrinho. Ele chama sua autonomia, como um meio de expressão, conhecimento e comunicação.

A palavra “desenho” apareceu pela primeira vez no fim do século XVI, em uma carta dirigida aos patriotas que lutavam contra a invasão holandesa no Recife. Um século mais tarde, o Padre Bluteau registrou no vocabulário latino “Dezenhar”, como forma de ideia e desenho (traço) no papel. Esse ato, apesar de uma natureza transitória, o desenho, língua bem antiga, atravessa todas as fronteiras, escapando da polêmica entre o velho e o novo, pois é uma fonte original de criação.

Teóricos como Lowenfeld, Piaget, Luquet, Wallon etc., tiveram um papel fundamental para a construção desse entendimento gráfico infantil. Geralmente o adulto põem sua própria imagem no desenho infantil, porém o adulto é o oposto da criança, pois ele está estático e a criança em movimento constante. O desenho é uma manifestação de uma necessidade dela, seja um desejo, opressão, alegria, curiosidade e negação.

Sendo assim, podemos perceber que a criança é extremamente fiel às necessidades do seu sistema nervoso. Então é notório que uma garatuja não é só uma atividade sensorial motora, atrás dele existem segredos e necessidades. A autora diz que “o corpo é a ponta do lápis”, pois todo o corpo está presente na ação, funcionando como uma ponte de comunicação entre o corpo e o papel. De acordo com a autora Edith, quando a criança começa a desenhar faz círculos pois é um traçado instintivo, de movimento contínuo, diferente do quadrado que tem movimentos descontínuos, exigindo maior controle visual.

Segundo Méredieu, “a criança que rabisca não se engana nunca, já que é assim que o corpo decide.” (Apud DERDYK, 2020, p. 107). No decorrer do livro a autora critica o ensino baseado em cópia. Ela diz que esse modo não é inteligente, pois a criança se torna um depósito de informações sem reflexão, já afirmava Piaget, “a inteligência é um ato de inventar e é sempre um ato original.” (Apud DERDYK, 2020, p. 109)

No renascimento, o desenho era compreendido em sua extensão máxima. Um grande exemplo era Leonardo Da Vinci, que ganhava cidadania máxima, pois usava o desenho para tudo. Segundo Carreira, “seus desenhos se tornaram uma escritura do mundo, legibilizando e legitimando as forças visíveis e invisíveis da natureza.” (*Apud* DERDYK, 2020, p. 159). A autora diz que Da Vinci desenhava tudo de tudo, era um filósofo não verbal.

O bonito, feio, sujo, certo e errado, usado nos desenhos infantis impedem que elas despertem a imaginação pessoal. Ela diz que a imitação é diferente da cópia, pois a primeira é o desejo de se apropriar, trocas de experiência, já a segunda é completamente vazia em conteúdo. Segundo Francastel, “o desenho não reproduz as coisas, mas traduz a visão que se tem.” (*Apud* DERDYK, 2020, p. 114).

Portanto, para concluir a obra, a autora cita diversos pintores e desenhistas que têm grande importância no mundo da arte, como Ingres e Delacroix, espelhando duas estruturas operativas distintas, o clássico e o romântico. Ingres tinha entendimento como estilete, tendo firmeza e exatidão. Perante o contexto neoclássico é uma ideia de desenho próximo do real, com sua beleza de traços, tons neutros e texturas. Já Delacroix tinha uma linha mais pessoal, seus desenhos buscam mostrar a conquista da expressão de cada traço, com uma paleta mais vibrante e irregular, aparentemente seus desenhos se aproximam mais das fotos instantâneas. A partir dessas duas linhas nasce um leque extenso de utopias artísticas.

Outro exemplo que está presente na história da arte é Van Gogh, com uma festa de texturas que caminham em várias direções, um pintor pós-impressionista. Suas obras são mapas territoriais, é um desenho orgânico. O amarelo é constantemente presente. É notório que ele tinha um gosto por essa cor. Além dele, a autora também cita os artistas Paul Klee, um dos artistas do movimento expressionista, tendo primeiro ato de movimento a linha. Steinberg, cartunista, trabalha na troca do verbal e do visual. As palavras para ele se comportam como personagens que sofrem experiências com seus próprios significados.

Na obra a autora retrata que o artista cria a si próprio ao criar um mundo. Dessa forma, a arte de Steinberg mostra o homem inventando e sendo inventado. Outro artista presente é o brasileiro Iberê Camargo, que afirma: “pinto porque a vida dói”. Seus desenhos parecem perseguir a si mesmo, testemunhando a tragédia humana. Seus traços têm dicção própria. Além desses artistas acima exemplificados, existem vários outros grandes nomes da arte.

À face do exposto, o desenho pela sua natureza transitiva, proporciona conexão entre o pensar, perceber, observar e imaginar. A convivência com o mundo da arte, sensibiliza o olhar para a criação.

A título de síntese da discussão realizada até aqui, a primeira parte deste trabalho buscou descrever de forma sucinta o conceito de arte, partindo deste pressuposto podemos compreender que a arte para Nildo Viana é uma expressão figurativa da realidade, ou seja, nela contém sentimentos e críticas de um determinado artista. Por isso nós, seres humanos, devemos observar nossas próprias criações, repensar o contato com outros criadores e relembrar produções.

Dessa forma, a mesma educa o ser humano, por esse motivo deve ser praticada de forma criativa e solta, principalmente para as crianças, como é citado pelos autores. No próximo capítulo será esclarecido um pouco mais sobre como a arte exprime determinados sentimentos e críticas, abordando sobre a produção artística do pintor Van Gogh.

CAPÍTULO II

UM OLHAR PARA VIVÊNCIAR O PINTOR DE GIRASSÓIS

Neste capítulo, o objetivo central consiste em adentrar a vida do pintor Van Gogh. Será exposto sobre o contexto social em que o artista e a sua família viveram, sua biografia, como estabeleceu uma relação com a arte e sua perspectiva sobre a mesma. Após isso será relacionado sua vida com sua produção artística. Sendo assim, o presente capítulo se relaciona com o problema em questão, pois a partir dele será possível perceber a relação em que o artista tem com a arte e como a mesma auxiliou a aliviar problemas e desenvolver habilidades importantes, mostrando diversas interpretações de arte, usando várias texturas e cores.

Desta forma, será possível compreender e conhecer a trajetória do artista, identificando os elementos que fazem parte de suas obras e também sua forma de grafismo e pinceladas, conhecendo também algumas mudanças de técnicas no decorrer da sua carreira. Por fim, analisaremos algumas das mais de oitocentas obras que fizeram parte do seu processo criativo, ressignificando o olhar existente sobre as mesmas.

2.1. CONTEXTO SOCIAL

Para que seja possível conhecer Van Gogh, é necessário conhecer um pouco sobre a sua família e o contexto social em que viveram, por isso baseado na biografia dos autores White Smith e Steven Naifeh, sistematizada no livro Van Gogh: A vida, relata que em 1697, o destino da família Carpentus estava por um fio, Gerret havia sido o único membro sobrevivente das carnificinas que ocorreram na guerra de oitenta anos. A mesma era uma revolta das dezessete províncias dos Países Baixos. No continente em que viviam havia várias reivindicações para eleições, direito ao voto e abolição de impostos iníquos.

Gerret trabalhava com couro, em 1797 foi encontrado agonizando espancado na rua, não aguentou aos ferimentos e morreu deixando três filhos, um deles era Willem (avô do pintor Van Gogh). Willem morava em Haia e teve nove filhos, uma delas era Anna, que cresceu com uma visão sombria da vida, por causa das ameaças que sua família recebia e também por causa do fatalismo que existia, por perder irmãos por doenças mentais e suicídios.

Dessa forma, em 27 de maio de 1851 Anna se casou com Theodorus Van Gogh. Após isso foi morar em Groot Zundert, um pequeno vilarejo que fazia fronteira com a Bélgica, completamente longe de toda sofisticação que existia na corte de Haia. O lugar era sujo e desorganizado, consistia-se em pântanos e charnecas, os cronistas daquela época se referiam ao

lugar como “Território de viagem”. As famílias daquele local dividiam o único aposento com os animais que criavam e usavam a mesma roupa o ano todo.

O produto mais lucrativo daquele local era a areia fina e a branca, apenas uma pequena porcentagem da população conseguia dinheiro ou bens para pagar o imposto censitário, ou seja, aquele que dava direito ao voto. A população das demais cidades que existiam só iam lá para explorar material e para conseguir mão de obra barata.

Infelizmente, mesmo quando Napoleão foi derrotado em 1815 e toda Bélgica foi unificada com as antigas províncias holandesas, para formar os Países Baixos, as audácias continuaram a fermentar. Com isso, em 1839 um tratado dividiu Brabante ao meio, tendo efeitos devastadores em áreas de fronteiras como Zundert, que por dois séculos foi varrida pela ida e volta dos exércitos, que estabeleciam uma religião e expulsavam outras, criando um conflito entre católicos e protestantes, igrejas por exemplo foram vítimas de vandalismo e confisco.

Em cartas, Anna mentia, dizendo que morava em um lugar de campo onde desfrutava da vida pastoral. Porém, a mesma morava em uma casa paroquial, bem no meio da fronteira tumultuada.

Mas as amenidades não podiam disfarçar a verdade: depois de sua vida de solteira no mundo distinto e requintado de Haia, ela tinha vindo parar num posto avançado religioso sob constante ameaça, num lugar inóspito e desconhecido, cercada por habitantes que, na maioria, não gostavam de sua presença, dos quais ela desconfiava e cujo dialeto mal conseguia entender. (SMITH; NAIFEH, 2012, p. 48)

Em 30 de março de 1852, Anna teve um filho natimorto, na qual deu seu nome de Vincent Van Gogh. Foi a primeira vez que um natimorto teve uma bela lápide, antes disso nem se pensavam em funerais e nem se quer mencionavam os mesmos. No dia 30 de março de 1853, após um ano, nasceu Vincent Willem Van Gogh, logo após o casal teve mais cinco filhos, Anna Cornélia, Theodorus, Elisabeth, Willemina e Cornelis Vincent, todos faziam aniversário entre março e maio, dois nasceram com um dia de diferença e os dois Vincent nasceram no mesmo dia.

Por causa de tudo que passaram, a família de Van Gogh não tinha uma natureza afetuosa, existia uma devoção familiar, na qual recebeu o nome de “Totalitarismo familiar”. Segundo Anna (*Apud* SMITH; NAIFEH, 2012, p. 52) em suas cartas dizia: “não podemos viver uns sem os outros.”

Grande parte da sua infância viveu na casa pastoral, onde as festividades ofereciam uma oportunidade para mostrar solidariedade familiar diante do isolamento e das adversidades. Os filhos de Anna deveriam sempre ser bem disciplinados, pois eram filhos de pastor. Então todos os olhos estavam voltados para eles. O comportamento na casa paroquial era regido através da

palavra “dever”, isso aconteceu pois naquela sociedade estava em peso por vários séculos a ideia calvinista e a necessidade holandesa.

Partindo disso, quem duvidasse ou se esquivasse dessa ideia, era exilado ou condenado a morte. Segundo os autores Gregory e Steven (2012, p. 63), “se uma casa pegava fogo, o dono tinha o dever de apagá-lo imediatamente para impedir que as chamas se alastrassem.”

Dessa forma, a mãe de Vincent não aceitava que seus filhos se aventurassem além ou abaixo do círculo minúsculo de famílias boas. As mesmas eram proibidas de brincar na rua e deveriam sempre usar roupas que causam boa impressão, vivendo em um mundo privado de emoções e de cores. Segundo Anna (*Apud* SMITH, NAIFEH, 2012, p. 66), “é melhor ficar em torno de gente de categoria, pois fica-se mais exposto a tentações quando se lida com as classes mais baixas.”

2.2 VINCENT VAN GOGH

Vincent Willem Van Gogh, nasceu em 30 de março de 1853, na cidade de Zundert, que fica localizada na província de Brabantes, no norte dos Países Baixos. É filho de Theodorus Van Gogh e Anna Cornélia Carpentus. O mesmo é descrito como um menino esquisito, de cabelo ruivo com cachos grossos, sardento, olhos azuis bem pequenos e um nariz grande. É uma criança séria e ansiosa, visto pelos seus pais como desobediente, temperamento difícil, genioso e o menos agradável dos irmãos.

Em sua família, todos aprendiam a desenhar, fazer colagens e pintar sob a tutela de sua mãe, sendo assim aprendeu a passar o lápis pelo papel, antes mesmo de compreender o que estava copiando. Sua mãe lhe apresentou o desenho, não como uma atividade para educação infantil, mas sim como um trabalho artístico.

Dessa forma, no decorrer de sua infância se frustrou com seus desenhos, pois se achava um péssimo desenhista e nunca mais quis fazer outro desenho a mão livre. Segundo Van Gogh (*Apud* SMITH, NAIFEH, 2012, p. 73), “é fato e verdade que só mais tarde a sensibilidade artística se desenvolve e amadurece.”

Na sua infância, ele adorava a natureza, então sempre desobedecia aos seus pais para dar longos sumiços solitários, principalmente à noite e em meio à tempestade. Grande parte da sua infância se resumia em solidão, enquanto a estrela do seu irmão Theo subia cada vez mais na família, se tornando o “preferido”. Segundo Vincent (*Apud* SMITH, NAIFEH, 2012, p. 83) o mesmo se retraía, “minha meninice foi triste, fria e estéril.”

Em outubro de 1864, aconteceu o ápice da solidão em que Van Gogh se lembraria para o resto de sua vida, foi o momento em que ele se sentiu abandonado. Na cidade de Zevenbergen, nos degraus de um internato, seus pais se despediram do menino de onze anos e foram embora, pois não conseguiam discipliná-lo. Logo após isso ele foi mandado para a escola de Tilburg, que ficava mais longe ainda de sua casa.

Nesta escola ele tinha um dos melhores e principal pedagogo de artes, Huysmans. O mesmo defendia que a educação artística era a chave para uma nova idade de ouro na Holanda. Segundo ele, o aluno que aprendesse a desenhar bem, não estava somente desenvolvendo um “olhar rápido e seguro”, mas sim um intelecto com atenção constante e alerta às impressões da beleza. Em sua visão, o docente deveria se adaptar ao tema e sobretudo à capacidade dos alunos.

Dessa forma, uma coisa que ele abolia era os truques para precisão técnica, em sua visão o artista deve procurar o poder da expressão. Segundo o professor Huysmans (*Apud* SMITH, NAIFEH, 2012, p. 93), “o artista que copia cada bloquinho de pedra e cada pincelada de cal não entende sua vocação: devia se tornar pedreiro.”

Porém, tudo isso só se aflorou na vida de Van Gogh após um sono de quase vinte anos, pois na época ele não se importava com aquilo, já que estava privado de qualquer apoio emocional, então o mesmo só se afundava em raiva e saudades.

Com dezesseis anos, em 1869, Vincent foi empregado na famosa Casa Goupil & Cie, graças ao seu tio Cent, se tornando o auxiliar de escritório. A partir disso começou a sentir um interesse súbito por arte, passando a devorar livros sobre arte e artistas. Porém, em 1873, foi transferido para uma filial de Goupil em Londres, que na época era a maior cidade do mundo, com 4,5 milhões de habitantes. Nessa época ele voltou a desenhar.

Contudo, o mesmo volta para a Holanda após se apaixonar e ser rejeitado por Úrsula. Sendo assim, seus pais estavam preocupados, pois Vincent já estava com vinte e quatro anos e não tinha nenhum propósito claro de vida. Por isso, em 1879, ele decidiu tentar ser pastor como o pai, então saiu de casa com uma mochila em direção a Borinage, na Bélgica, dizendo que iria servir a Deus como artista, mas essa peregrinação só o levou ao desespero, pois todas as suas missões haviam sido fracassadas, o mesmo estava com sentimento de culpa e desgosto de si mesmo, tinha atingido o fundo do poço e perdido toda a sua fé.

Em 1880, ele se muda para Bruxelas, onde começa a seguir os conselhos de seu irmão Theo, voltando a desenhar como uma atividade manual, que visava ocupar a cabeça e as mãos. O mesmo sugeriu ainda que Van Gogh poderia vender alguns desenhos e mapas para o seu sustento. Em apenas uma semana ele terminou cento e vinte desenhos. Em uma carta para o seu

irmão, Vincent (*Apud* SMITH, NAIFEH, 2012, p. 388) relatou: “a cada dia minha mão e minha cabeça ficam mais fortes e mais flexíveis.”

Dessa forma, em 1881, após passar por diversas dificuldades financeiras resolveu voltar a morar com seus pais, em Etten, uma vila maior e mais pobre que Zundert. Seu irmão Theo agora era gerente da Goupil em Paris, passou então a apoiá-lo financeiramente para que ele pudesse dedicar a arte, ao contrário de seus pais, que viam a carreira de artista como um fracasso social.

Infelizmente isso durou pouco tempo, pois logo ele partiu para Haia. Van Gogh (*Apud* SMITH, NAIFEH, 2012, p. 447) relatava ao seu irmão, já esgotado: “...O pai não consegue me sentir ou me entender, e eu não consigo me enquadrar no sistema do pai e da mãe, é asfixiante demais e me sufocaria.”

A princípio, o mesmo ficou por um tempo hospedado na casa de seu primo Anton Mauve, um dos maiores pintores de sucesso comercial da Holanda. Ele era o artista que Vincent queria ser. Com a ajuda de Mauve, ele começou a experimentar novos materiais, como carvão, giz colorido, aquarela e tinta a óleo.

Nessa época, Van Gogh começou um relacionamento com uma prostituta que estava grávida, chamada Clasina Hoornik, ele a chamava de Sien. O mesmo a sustentava com o dinheiro que ganhava do irmão. Esse relacionamento durou cerca de vinte e um meses, marcando a vida de Vincent. Ele queria ser o “pintor do povo”. Sua arte retrata algo mais profundo, nela não existia só a beleza do material, foi neste momento que nasceu a série de desenhos Sorrow (sofrimento). O mesmo declarou que essa foi a melhor figura que ele havia feito até o momento.

Figura 1: Sorrow (1882, 44,45x26,27)



Fonte: Vincent Van Gogh, (*Apud* SMITH, NAIFEH, 2012, p. 498)

Este foi um momento conturbado para Vincent, pois o mesmo havia renunciado o amor e a sua religião. Segundo ele Deus não existia, gerando assim um enorme atrito com seus pais, quando descobriram essa renúncia no natal, ao visitá-lo. No entanto, consumido pela raiva e amargura gastou todo o seu dinheiro montando o seu próprio ateliê, saindo da casa de seu primo. No final enviou uma carta aos seus pais contando a novidade e debochando, dizendo que a relação entre eles acabava ali, somente seu irmão permaneceu ao seu lado.

No dia 26 de março de 1885, seu pai morreu repentinamente, porém, o mesmo só foi enterrado no dia 30 de março, que por uma estranha coincidência, era o dia do aniversário de Vincent. Em abril, deste mesmo ano ele começa a pintura do seu quadro “Os comedores de batata”. Nessa obra ele busca retratar fielmente a simplicidade dos camponeses.

Podemos observar na pintura, que ele mostra não só a escassez nos alimentos, mas também nas vestes e na própria casa. Por esse motivo opta pelos tons escuros e várias expressões, fugindo do embelezamento. Neste mesmo ano, ele fez sua primeira mostra pública, em uma vitrine de tintas, mesmo que tenha se apresentado com muita vergonha, usou essa oportunidade como um salto em sua carreira, após tantos tormentos. Vincent (*Apud SMITH, NAIFEH, 2012, p. 801*) declarou: “quero pintar o que sinto e sentir o que pinto.”

Figura 2: Os comedores de batata (1885, 82x114cm)



Fonte: Vincent Van Gogh, (*Apud SMITH, NAIFEH, 2012, p. 1629*)

Após tudo isso, em janeiro Van Gogh fez algo que jurou nunca mais fazer, se matriculou em uma escola de artes. Não era uma simples escola, era a Academia Real de Belas-Artes, que está localizada em Antuérpia, cidade onde foi morar, que por sinal ficou muito pouco tempo, pois foi expulso de um dos cursos de desenho e humilhado no outro. Neste segundo, todos reclamavam do modo que ele fazia representações realistas em seus desenhos, principalmente

nos corpos, diferente dos seus colegas e professores, que optam por desenhos parecidos com belas deusas gregas.

Em fevereiro, ele vai morar com seu irmão Theo em Paris, onde o mesmo teve contato com diversos artistas impressionistas dessa época e uma maior admiração pela arte oriental, o que acarretou diversas mudanças em suas obras, usando pinceladas curtas e tons brilhantes. Ele também mudou suas obras para retratos, focando principalmente em seus autorretratos, tentando deixar suas obras mais comerciais e com um estilo próprio.

Porém, após dois anos ele se cansa de Paris e vai embora, para o próprio bem de seu irmão, pois não queria machucá-lo, já que ele se culpava pela morte de seu pai, aquela vida estava sufocando-o. Conseqüentemente, em 1888 ele se muda para Arles, uma antiga vila de aproximadamente vinte mil habitantes, buscando realizar seu exílio voluntário de Paris.

Vincent alugou quartos na casa amarela no Place Lamartine, após isso ele convidou seu amigo pintor Paul Gauguin para dividir o ateliê com ele. Nessa época ambos pintaram obras magníficas e aprenderam cada vez mais, pois estavam realizando obras observando a luz natural. Porém nem tudo são maravilhas, como ambos tinham um temperamento forte e pensamentos diferentes, começaram a ter diversas discussões.

Gauguin estava determinado a ir embora, porém Van Gogh não aceitava isso, queria que ele ficasse lá para que pudessem trabalhar juntos, isso fez com que ele surtasse no dia 25 de dezembro. Durante o ataque de raiva ele cortou sua orelha fora, quando voltou à realidade enfaixou a ferida tentando estancar o sangue e embrulhou a orelha em um pedaço de jornal.

Em meio a uma noite de chuva, saiu procurando Gauguin nos bordéis mais frequentados por ele, porém o porteiro do local não o deixou entrar, dessa forma. Vincent pediu para que ele entregasse ao seu amigo o pacote com o seguinte recado: “lembre-se de mim.” Após isso ele retornou para casa e deitou na cama, esperando o pior.

Depois do incidente, ele resolveu ir para o asilo de doentes mentais de Saint-Paul-de-Mausole, pois suas crises não paravam. Foi diagnosticado com um tipo de epilepsia, que causava um colapso de pensamentos que poderiam o levar a situações perigosas. Nesse período, Vincent pintou vários quadros, um deles foi sua obra mais famosa, chamada “Noite estrelada”. Nessa época, o artista não podia sair ao ar livre para pintá-la, então a mesma foi realizada através das barras que existiam na janela do seu quarto, desenhando um céu que só era visível em sua mente.

Figura 3: Noite estrelada (1889, 72x91,75)



Fonte: Vincent Van Gogh, (*Apud* SMITH, NAIFEH, 2012, p. 1671)

Entretanto, recebeu a ótima notícia que teria um sobrinho e que o mesmo teria seu nome, porém, mesmo com as ótimas notícias suas crises não paravam, mas em 1890 ele deixa o hospital e se muda para Auvers-sur-Oise, uma zona rural perto de Paris. Decidiu fazer isso para seguir as recomendações de seu irmão e do médico Paul Gachet, ambos pediram para que ele se dedicasse à pintura neste momento, e realmente foi isso que ele fez, passou o tempo pintando paisagens da vila e dos campos de trigo.

Vincent chegou a ir visitar o irmão, ao chegar lá descobriu que o mesmo estava planejando abandonar o emprego para que pudesse montar o seu próprio negócio. Porém, Theo estava preocupado, isso poderia ser um risco terrível para o financeiro. Essa mudança acabou gerando desespero e culpa em seu irmão, por ter dependido dele por tanto tempo. Então durante algumas semanas resolveu pintar para ocupar a mente.

Em um domingo, no dia 27 de julho, Van Gogh saiu para pintar fora levando sacolas com tintas, pincéis, telas e seu cavalete. Quando escureceu ele voltou para casa sem os seus equipamentos e cambaleando, passando pela rua sem conversar com ninguém. Alguns moradores da pensão acharam isso estranho, por isso Gustave Rauvox foi até as escadas para tentar ouvir algo pela porta, mas a única coisa que escutou foi alguns gemidos, ao chamar a única resposta que obteve foi que ele havia se ferido.

O mesmo veio a falecer somente no dia 29 de julho, pois nenhum médico lá era especializado em ferimentos a bala e o transporte de Vincent para um hospital em outra cidade, poderia acarretar grandes complicações. Infelizmente sua morte é algo que ninguém sabe o real motivo, pois não existem depoimentos de pessoas que o viram quando ele sumiu para pintar. Existem hipóteses de que ele tentou se suicidar, porém a arma nunca foi encontrada no local de referência.

Hipóteses apontam a partir da marca do tiro, que o ângulo e a distância da arma não conferem com o acontecido, aparentemente a bala permanecia no corpo e isso não deveria acontecer, chegando à conclusão que o tiro teria vindo de longe. Por conseguinte, Theo foi internado em 1891, com severos problemas de saúde, vindo a falecer meio ano após a morte de seu irmão, sendo enterrado em Utrecht, somente em 1914. A esposa de Theo conseguiu sepultá-lo ao lado do irmão.

2.3 O AMARELO DA ARTE

A princípio Van Gogh buscava seu espaço no mundo, por isso usava a pintura para suprir a exaustão de sua vida, já que o mesmo sofria rejeição dos pais, mulheres e principalmente da sociedade em que estava incluído. Ele almejava que a mesma o enxergasse como um ser social, pois ele acreditava nela.

Quando estava no processo de criação de uma obra, Vincent (*Apud SMITH, NAIFEH, 2012, p. 733*) levava consigo o seguinte pensamento: “...Deve pintar os camponeses como se fosse um deles, como se sentisse e pensasse como eles...”. Sendo assim, é notório como é importante compreender as pinturas do artista, visando mostrar que o mesmo não era um simples indivíduo louco que só copiava aquilo que via, mas sim que o mesmo é um ser social, que busca representar a sociedade através da sinceridade.

É difícil classificar Vincent em somente um movimento artístico, pois ele praticamente criou o seu estilo de pintar, visando representar o que ele estava sentindo e a beleza do mundo, com cores diferentes. Por isso grande parte de suas pinturas e desenhos possuem um efeito enigmático, buscava retratar a realidade do local e das pessoas, como por exemplo a pobreza. Dessa forma, ele pode ser considerado tanto um pintor pós-impressionista ou pré-expressionista.

Portanto, no decorrer de sua vida podemos notar que grande parte do seu aprendizado foi autodidata, aprendendo a partir dos treinos e da persistência em ser um artista melhor, para que vendesse diversos quadros. Infelizmente isso não ocorreu, sua fama só veio depois de sua morte, ele era um artista muito evoluído para a sociedade da época, pois suas obras demonstravam a realidade e os sentimentos. Já dizia Van Gogh (*Apud SMITH, NAIFEH, 2012, p. 25*): “o que minha arte é, eu sou também.”

Como relatado acima, quando Vincent se descobriu artista, deixando de olhar para a pintura como um simples passatempo, o mesmo visava expor o que sentia, porém, procurava

mostrar o que os evangelistas odiosos faziam na sociedade. Ele até relata que eles eram iguais às academias velhas de arte, excluía um indivíduo de espírito e mente aberta.

Sendo assim, ao analisarmos a história de Van Gogh, podemos notar que ele era muito impaciente, pois tinha muito medo de falhar, por esse motivo grande parte dos seus desenhos eram inacabados. Ele achava difícil o ato de transformar um esboço em uma obra finalizada, não confiava no pouco que poderia melhorar a partir dos treinos, mas mesmo assim praticava, fazia esboços, pinturas e principalmente testar novas técnicas.

A partir disso, é possível notar o quanto ele era inseguro com sua arte, sempre enviava seus desenhos para seu irmão Theo aprovar, procurando sempre uma aprovação, que alavancasse sua confiança. O seu maior pensamento era mostrar que não era inútil e que poderia viver da arte.

Em uma época, ele ficou tão viciado em melhorar suas perspectivas em desenho, que as pessoas da vila começaram a ter medo dele e evitá-lo, pois o mesmo queria obrigar as pessoas a serem modelos para ele. Portanto, Vincent (*Apud* SMITH, NAIFEH, 2012, p. 646) relata o seguinte pensamento: “se você ouvir uma voz dentro de si, dizendo “você não é um pintor”, então pinte por todos os meios, rapaz, e essa voz silenciará.”

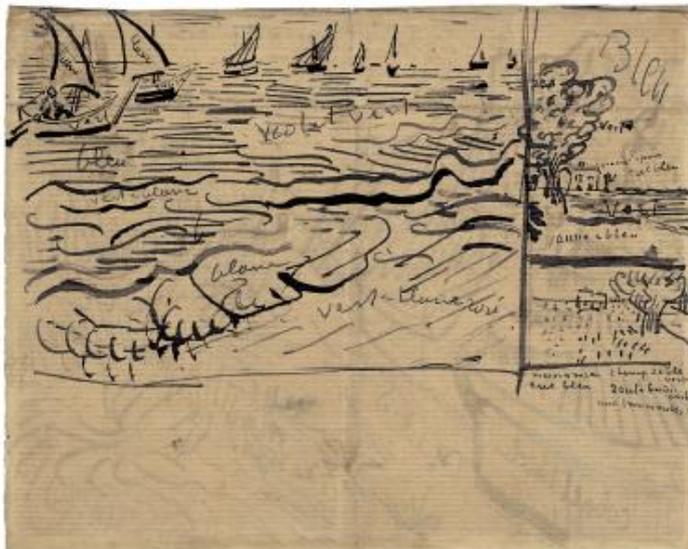
Outro fator importante referente às obras do artista, é o quanto o amarelo estava presente nas mesmas, considerado como um sinônimo de felicidade. Após a sua morte, a série dos sete quadros de girassóis pintados por ele também ficaram reconhecidos, a flor virou sua marca.

Após observar as cartas enviadas por ele, foi possível compreender que o mesmo elaborava suas obras divididas em três fases, primeiro fazia um croqui¹ bem rápido, com base somente naquilo que captava olhando; depois um desenho mais detalhado daquela cena e por último a obra finalizada, normalmente em tinta a óleo. Como exemplo disso, temos sua obra barcos de pesca, em Saintes-Maries.

Vincent (1888, carta n° 619) em suas cartas para seu amigo Emile Bernard e seu irmão Theo, relata o seguinte sobre o mar. “O Mediterrâneo — tem uma cor como cavala, em outras palavras, mudando — você nem sempre sabe se é verde ou roxo — nem sempre sabe se é azul - porque um segundo depois, seu reflexo cambiante assumiu um tom rosa ou cinza.”

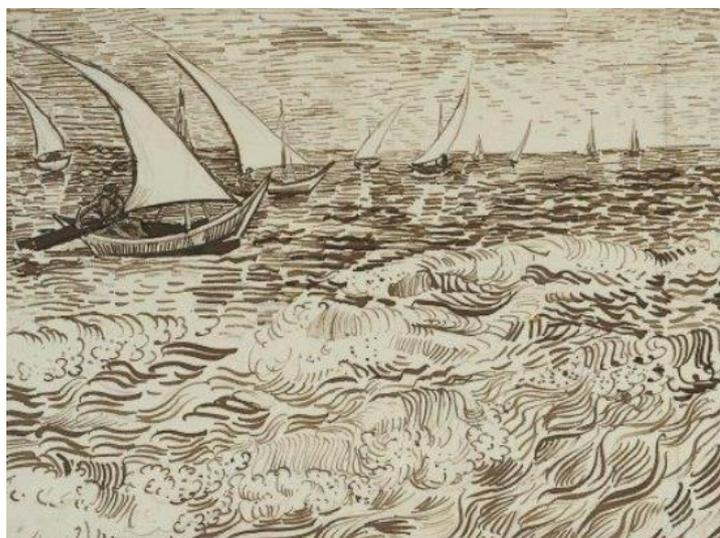
¹ É um rápido esboço feito à mão, o mesmo não exige precisão nos traços, já que não possui regras. Normalmente é feito de forma leve e livre, visando indicar os pensamentos do artista em qualquer momento ou lugar, servindo de apoio para a obra final.

Figura 4: Croqui rápido Barcos de pesca no mar



Fonte: Vincent Van Gogh (1888, carta n° 622)

Figura 5: Barcos de pesca Saintes-Maries



Fonte: Vincent Van Gogh (1888, carta n° 643)

A partir da análise de ambos desenhos, podemos perceber no segundo a busca e o estudo que o mesmo fez para conseguir realizar o movimento do mar, visando demonstrar os pontos de luz e sombra no desenho, dando a profundidade necessária. Diferente do primeiro, que foi feito às pressas, pois os barcos zarparam rapidamente.

Figura 6: Seascape em Saintes-Maries (44x53cm)



Fonte: Vincent Van Gogh (*Apud* SMITH, NAIFEH, 2012, p. 1650)

Na figura acima, temos uma das obras dessa série finalizada. Nela é possível observar as pinceladas rápidas e grossas, baseadas principalmente nas técnicas japonesas, com grande quantidade de tinta, buscando dar movimentos nas ondas e nas espumas. Ele conseguiu trazer a mudança de cores que cita em uma de suas cartas, através da variedade usada, causando esse efeito magnífico.

Vincent, não conseguiu ser o artista reconhecido que queria em vida, porém, recebeu em sua homenagem, no ano de 1973, o Museu Van Gogh em Amsterdã. O mesmo recebe um grande fluxo de visitantes. O mesmo possui uma estrutura de vidro com cerca de 12m, que abriga a maior quantidade de coleção de obra do artista, do mundo.

Deste modo, a coleção tem cerca de 200 quadros, 500 desenhos e mais de 700 cartas escritas. O museu é formado por dois edifícios, o principal que contém a coleção permanente, elas são divididas em três andares, cada um visando um momento de sua vida e técnica e a ala de exposições.

Sendo assim, é necessário observar as cartas escritas por ele, pelo seguinte motivo, a partir delas é possível ter uma visão de como ele pensava para realizar uma pintura, demonstrando que não era somente sentar-se e começar a pintar, tinha todo um estudo, que o mesmo aprendeu com o tempo. Todos esses esboços guiavam o percurso da obra final, e em todas as suas cartas ele falava detalhadamente como chegou a esse resultado.

Portanto, após analisarmos a vida, obra e os processos criativos do artista, a fim de ampliar o entendimento sobre o mesmo e os significados de suas obras, no terceiro capítulo desta pesquisa, será retratado a partir dos resultados coletados em ambos capítulos, qual o ensino Van Gogh traz enquanto artista, demonstrando o constante processo educativo que a arte desenvolve para o indivíduo socialmente. Dentro disso, será exposto sobre o quanto a arte e o artista autodidata é desvalorizado em nossa sociedade, abordando pontos importantes, que demonstram como a arte é questão de técnica, e não de dom.

CAPÍTULO III

VAN GOGH E A FORMAÇÃO PELA ARTE DO DESENHO

No presente capítulo, será abordado de forma analítica, o que Van Gogh enquanto artista pode promover ao indivíduo. Dessa forma, será possível compreender o processo educativo que o artista desenvolve, relacionando o mesmo com o meio social e educacional. Ao aprofundarmos sobre Vincent, podemos notar que sua forma de arte não é linear, pois está em constante mudança. O processo criativo do mesmo se apresenta de forma livre, e tem etapas para chegar ao resultado final.

Ressalta-se ainda, que esta pesquisa não visa somente falar sobre como é o processo criativo deste artista, mas sim discutir como a arte contribui para a emancipação do indivíduo, proporcionando um processo educativo para o mesmo. Suas obras por exemplo, são reflexões figurativas de uma realidade e dos seus sentimentos. Na mesma, nós seres humanos produzimos uma realidade fictícia, intencional e racional.

Portanto, no decorrer deste capítulo ficará ainda mais notório o fato da arte ser considerada uma esfera social, que emergiu com a sociedade moderna, onde ocorreu a profissionalização dos artistas, tornando a arte como uma mercadoria, visando o lucro. Partindo desse pressuposto, será indagado, o fato de vários estilos artísticos diferentes serem desvalorizados, principalmente aqueles artistas que são autodidatas.

Dentro desses aspectos, podemos levar como exemplo, o próprio artista analisado, que foi criticado diversas vezes por causa do seu estilo, além de que, isso também acontece dentro do âmbito escolar, como já foi demonstrado, onde a arte é padronizada para seguir o currículo, visando a estética, muitas vezes exigindo que a criança siga algo que não deseja.

3.1 O que Van Gogh promove ao indivíduo?

Ao aprofundar sobre o artista, podemos perceber que o mesmo não utiliza a arte para deformar sua realidade, mas sim para mostrar toda a simplicidade e essência do ser humano e dos sentimentos. Dessa forma, seu processo artístico visa amadurecer a percepção de criação, compreendendo o valor expressivo de uma obra de arte. Segundo Botton (2012, p. 206), “(...) a marca de todo grande pintor permite que vissemos certos aspectos do mundo com maior clareza.”

Vincent, é um exemplo de persistência. É notório esse fato, ao analisarmos sua evolução no decorrer dos anos, sua arte sempre esteve em uma constante mudança, procurando sempre em qual forma artística ele se encaixava. Como artista, uma das principais lições do seu legado, foi sobre estudar. Com ele, percebemos que não é necessário esperar pela chance de um curso dos sonhos para começar os estudos. Segundo Salles (2000. p.22), “a obra de arte é, com exceções, resultado de um trabalho que se caracteriza por transformação progressiva, que exige, por parte do artista, investimento de tempo, dedicação e disciplina.”

Este fato, revela que a defesa sobre necessidade de um dom para que se produza arte não passa de uma ilusão. O próprio Nildo Viana relata em seu livro, que esse pensamento determina a capacidade potencial artística que todo ser humano tem, em poucos. Sendo assim, o artista analisado supera essa ideia, já que o mesmo mostra todo o seu processo artístico para chegar ao ponto mais alto de seu desenvolvimento. Em seus manuscritos é possível ver todo o processo das suas artes, dividia esse momento em três partes: um croqui rápido do que estava observando, a segunda era um esboço mais detalhado e por último a obra finalizada com tinta a óleo, para poder captar tudo o que sentia.

Partindo disso, podemos perceber que a relação de Van Gogh com as escolas sempre foi repleta de desafios, pois passou por escolas que impunham como certo determinadas regras que o aluno deveria seguir. Porém, o mesmo não se submeteu a isso e acabou saindo da escola, criando e desenvolvendo fora da mesma o seu próprio método. Dessa forma, ele teve total liberdade de criar, isso nos mostra que quando a educação que se desenvolve no interior da escola é aquele ensino formal, acaba limitando a criatividade das crianças.

Ademais, o mesmo tem uma história de vida trágica, em todos os âmbitos. Era considerado um artista fracassado e por ser incompreendido socialmente o mesmo era visto como um louco. Atualmente, ainda existem pessoas que pensam assim. Mas quando analisamos sua biografia, percebemos o quão grande artista ele se tornou. Com obras, que naquela época foram consideradas por muitos como um nada. Isso não aconteceu somente com ele, grande parte dos grandes artistas que conhecemos hoje em dia não desfrutaram da fama.

Dessa forma, compreendemos como a arte do desenho não é arbitrária, mas é um processo que deve emancipar e proporcionar um papel educativo para o indivíduo. Segundo Deleuze (2007. p.62), “a tarefa da pintura é definida como a tentativa de tornar visíveis forças que não são visíveis.” Dessa forma, a pintura e o desenho, são um tipo de linguagem, que deve buscar desenvolver um potencial crítico no indivíduo, sendo ele artista ou não.

A arte pode elevar o homem de um estado de fragmentação a um estado de ser íntegro total. A arte capacita o homem para compreender a realidade e ajuda não só a suportá-la como a transformá-la, aumentando-lhe a determinação de torná-la mais humana e mais hospitaleira para a humanidade. (FISCHER, 1987, p.57).

Sendo assim, o artista agarra a arte para sobreviver toda a prostração que tem em sua vida, sempre buscando seu espaço no mundo. O mesmo vivia apelando por aprovação, procurava sempre um incentivo para acreditar que poderia viver da arte. Dessa forma, Vincent é um exemplo de superação. Ao analisarmos suas obras de arte, percebemos a constante busca por aprendizado, que procura quebrar os propósitos impostos do que é belo, produzindo artes que levem o indivíduo a refletir a sociedade.

Artes essa que socialmente são desvalorizadas, como podemos perceber a partir do pensamento de Nildo Viana. A arte só é valorizada pela burguesia, se ela trazer um lucro. Quando falamos em arte, encontramos muitas abordagens que defendem que a mesma deve buscar emancipar o indivíduo em todos os âmbitos de sua vida. Por isso é importante que nós humanos tenhamos a capacidade crítica para refletir sobre as artes e também as criar. Essa capacidade deve advir também do meio escolar, por isso é importante refletir sobre o uso da arte como componente curricular.

Quando analisamos a vida de Vincent, percebemos que o mesmo foi privado de várias etapas em sua infância e adolescência, o que acarretou diversas dependências em sua vida adulta. No âmbito do desenho, o mesmo era obrigado por sua mãe a seguir modelos prontos de arte que visavam o lucro e o trabalho. É notório que isso acarretou frustrações, já que ele desistiu de desenhar por anos e quando voltou buscava sempre a perfeição.

Isso nos faz refletir sobre o propósito da arte, pois a mesma tem como objetivo libertar o indivíduo, por isso ela deve ser crítica e transformadora, independente da qualidade. Porém, não devemos olhar somente para o lado estético da mesma, que é o que acontece na história do artista analisado. A arte deve ser analisada na íntegra, e se for o caso deve ser criticada, já que a mesma pode expressar interesses do proletariado e também da burguesia. Dessa forma, toda arte para aquela sociedade e sua família se resumia somente na beleza estética, ninguém percebia a complexidade e a importância da mesma, era considerada um simples desenho.

Partindo deste princípio, a arte de Van Gogh é uma forma de representar o mundo em que ele está inserido. Considerando sua história e sua forma de relacionar com a arte, vemos que atualmente, após a pandemia da Covid-19 e após vários momentos que passamos na sociedade, artistas autodidatas usaram do desenho para representar o que estava acontecendo.

Usando a mesma para relatar uma crítica social, que algumas vezes o indivíduo não consegue compreender a mesma, pela falta do desenvolvimento criativo e crítico. Portanto esses artistas buscam mostrar como ela pode contribuir para a vida social, assim como essa pesquisa mostra que o artista Van Gogh tem uma importante contribuição para quem conhece sua história.

Arte, enquanto área de conhecimento, além de ser um modo de pensar, de chegar a produções inusitadas e estéticas, de propor novas formas de ver o mundo e de apresentá-las com registros diferenciados, é também uma construção humana que envolve relações com os contextos cultural, socioeconômico, histórico e político (PIMENTEL, 2008, p. 10).

Como destacado sobre a importância da arte para o meio social, o mesmo não difere do âmbito educacional, pois, como percebemos é necessário que o indivíduo tenha contato com a arte dentro desse meio. Por esse motivo, a criança deve ser protagonista, fugindo dos métodos tradicionalistas, que são os que mais vemos hoje em dia, ou seja, aquelas tarefas moldadas, com cores específicas e cópias elaboradas por adultos.

Esse fato ocorre, pois os adultos colocam o seu olhar sobre a criança, forçando a mesma a sair da sua arte criativa, como ocorreu com Vincent em vários âmbitos da sua vida, até mesmo em faculdades de desenho, onde o docente procurava artes com conceito de beleza iguais aos seus ideais. Dessa forma, esse processo pode levar à estagnação do indivíduo, ou seja, o mesmo não consegue ser criativo e crítico, por causa da falta de incentivo e da insegurança que o cerca.

Partindo deste pressuposto, ao analisarmos a arte no meio educacional no Brasil, podemos notar que a mesma passou por diversas transformações. Em seu início, era voltada para um ensino mecanizado e conteudista, ou seja, aquele ensino tradicional. Agora a mesma é vista no papel como parte fundamental para a formação de um indivíduo. Dessa forma, dentro da BNCC, o componente curricular Arte, se encontra dividido entre as Artes visuais, dança, música e o teatro, porém, nem sempre ocorre o estudo correto de todos esses âmbitos. Podemos notar que a primeira linguagem é uma das mais abordadas nas instituições.

Porém, ainda assim vem sendo fragmentada, sem generalizar os profissionais e as instituições. Em algumas delas, o ensino da arte é visto como um momento de descanso, se tornando uma área empobrecida da educação. Talvez alguns motivos que levem a isso é a falta de capacitação para os profissionais, onde deixam o ensino nas mãos de meras biografias sobre determinados artistas e desenhos prontos, restringindo a troca de experiências. Isso nos faz refletir sobre como arte vem sendo ensinada nas instituições.

[...] ainda é comum as aulas de arte serem confundidas com lazer, terapia, descanso das aulas “sérias”, o momento para fazer a decoração da escola, as festas, comemorar

determinada data cívica, preencher desenhos mimeografados, fazer o presente do Dia dos Pais, pintar o coelho da Páscoa e a árvore de Natal. (MARTINS 1998, p.12))

Dessa forma, é importante que as instituições apresentem os diversos artistas para as crianças, porém, com propostas que busquem desenvolver habilidades. É importante que o docente saiba trabalhar a teoria juntamente com a prática, pois somente ouvir a biografia de um artista, normalmente é falha. Elas devem conhecer e experimentar, para se identificar com alguma forma de expressar-se. Van Gogh é um desses exemplos, suas obras são como mapas da criatividade, através dos movimentos que suas pinceladas deixam. O mesmo é muito mais que um mero artista, ele conseguiu transformar toda a dor que sentia em belas artes, por isso é importante trabalha-lo nas aulas.

Mesmo que tenha uma história sofrida e seja considerado como louco por muitos ainda, é possível trabalhar o artista com as diversas fases do ensino. Dessa forma, o docente como mediador pode criar diversas metodologias para abranger assuntos variados, provocando a criatividade dos mesmos. Como exemplo disso temos as criações de releituras, exposições e visitas em museus, metodologias que fazem o indivíduo ter contato com o meio artístico de forma participativa, buscando saber o que ele consegue enxergar e sentir através da arte de Van Gogh.

Analisar obras e fazer releituras contribuem para o desenvolvimento dos indivíduos, pois Van Gogh também realizou imitações do artista Jean François Millet, até conseguir desenvolver e aperfeiçoar sua própria técnica e o seu próprio traçado artístico, criando obras que parecem se mover com cores e formas que nos lembram facilmente quem é o artista da obra. Fazendo com que os espectadores atualmente fiquem oscilando nas emoções através da intensidade de expressões de dores, emoções, natureza e pureza.

Ao estudar o processo criativo do artista Vincent, somos capazes de perceber que o próprio artista não segue regras referente ao desenho estereotipados, pois o mesmo brinca com as cores, traçados e os materiais utilizados, já que são essas experiências que contribuem para o nosso aprendizado. Partindo desse contexto, isso também deve estar presente dentro das instituições de ensino, pois além de contribuir para o desenvolvimento do indivíduo, auxilia também o docente a conhecer o seu aluno.

Esse processo faz com que o mesmo saiba observar o motivo que ele usa essas cores e como gosta de se expressar. É preciso ressaltar que nossos processos criativos tem total ligação

com o que estamos sentindo e como estamos, pois o mesmo expressa qual a necessidade temos, seja ela boa ou ruim.

Sabemos que a arte na escola não tem como objetivo formar artistas, como a matemática não tem como objetivo formar matemático, embora artistas, matemáticos e escritores devam ser igualmente bem-vindos numa sociedade desenvolvida. O que a arte na escola principalmente pretende é formar o conhecedor, fruidor, decodificador da obra de arte. (BARBOSA, 1991, p.32)

A falta desse protagonismo e desse olhar sobre a importância da arte, pode gerar a perda do desenho da criança, como ocorreu com Van Gogh, o mesmo deixou de desenhar por anos, por se sentir incapaz. Essa falha, torna o indivíduo submisso, onde abandona o seu pensamento e a sua palavra, a partir disso é notório que o ato de desenhar é muito mais amplo do que o simples manejo de um lápis.

Ao pensarmos nisso e analisarmos a história da criança, podemos perceber que a mesma passou vários anos inserida em um contexto de invisibilidade social. Sendo dominada por adultos, impossibilitada de produzir cultura, opinar e demonstrar habilidades, sendo subordinada aos mais velhos, já que a mesma era vista como uma tabula rasa.

As crianças são agentes sociais, ativos e criativos que, na interação com os grupos sociais com que se relacionam e com os contextos de vida em que estão inseridos, produzem suas próprias e exclusivas culturas infantis e ao mesmo tempo, contribuem para a produção das sociedades adultas. E, nessa interação, tem papel fundamental o contato das crianças umas com as outras, algo essencial para o desenvolvimento e a aprendizagem. (CORSARO, 2011, p.15)

Por isso, o pensamento de arte como cópia pronta voltada para o lazer é um pensamento limitado, a instituição deve reconhecer o componente curricular Arte como algo fundamental na formação de crianças, assim como os outros. Atualmente, a arte vem se apresentando em todos os âmbitos sociais, contribuindo para o auxílio do desenvolvimento de um indivíduo transformador. Portanto, é imprescindível que seja trabalhado artistas que mostram isso, e temos como exemplo o grande artista Van Gogh.

É possível perceber em nossa sociedade diversas crianças e adolescentes artistas, onde a arte vem transportando as mesmas para um mundo mágico e criativo, algumas vezes contribuindo como formas para lidar com o autismo, por exemplo. É lindo ver isso acontecer através do incentivo, por isso é de suma importância que o docente saiba trabalhar essas habilidades, apresentando artistas reais.

Quando cito artistas reais, estou me referindo aqueles que tiveram uma vida similar a muitos outros desenhistas autodidatas que não tem tamanho reconhecimento. Como Van Gogh, que mesmo tendo obras de alto nível, ainda era mal interpretado em sua carreira, pois era um pintor fora do seu tempo. É importante que os discentes vejam como a arte autodidata é desvalorizada, principalmente no Brasil. Pois a partir dessas experiências e hipóteses, eles podem contribuir ativamente para a valorização da arte.

Porém, para que ocorra esse conhecimento, precisamos aprender desde novos com o desenvolvimento significativo da arte. É notório que quando falamos em ensinar arte, as crianças, a sociedade e os próprios docentes pensam em simples desenhos impressos para colorir ou várias biografias que não executam sua função social completa, pois para que aconteça o desenvolvimento do indivíduo, é necessário trabalhar esses assuntos de todas as formas.

Buscando meios para que a criança desenhe, expresse e recrie o que entendeu. Um dos artistas que mais refletem sobre isso é Vincent Van Gogh. Ele como ferramenta de ensino contribui imensamente para que o indivíduo aprenda a ser protagonista e quebre essa estética mecanizada. O que mais percebemos na sociedade, são crianças, adolescentes e adultos sem criatividade e desenvolvimento acrítico, principalmente crianças inseguras. Isso realmente acontece, é notório isso quando pedimos para uma criança ou adolescente fazer um desenho e a mesma se sente insegura dizendo que não sabe.

Esse é um exemplo da perda do desenho, ou melhor, da criatividade e do desenvolvimento. Por isso é necessário trabalhar o incentivo. O referido artista, passou várias vezes em sua vida por essa perda, mas mesmo assim buscou aprender, mesmo sem o incentivo e sozinho, porém, isso teve um custo em toda a sua vida. Por esse motivo, corremos perigo quando não incentivamos ou não ensinamos a arte com a devida importância, através de um ensino significativo é possível além de desenvolver o indivíduo para a sociedade, descobrir e incentivar talentos.

Considerações Finais

A partir das leituras utilizadas para a construção deste estudo, constatei que o desenho é uma ferramenta fundamental para a educação e o desenvolvimento do indivíduo. Deste modo, para alcançar essa resposta, o presente estudo foi dividido em três capítulos, sendo que o primeiro buscou abordar de forma teórica o conceito de arte. Diante do exposto, seguimos com um debate teórico-metodológico, buscando analisar a arte, sua história, fundamentos e sua importância. No decorrer do mesmo, a arte foi relacionada ao âmbito educacional, onde abordamos as concepções de alguns autores sobre o que o ensino da arte propõe para a criança.

No segundo capítulo, aprofundamos em nosso objeto de pesquisa, usando como fonte de análise o pintor holandês Vincent Van Gogh. De certo, foi retratado sobre a biografia do artista, mostrando todas as dificuldades apresentadas no decorrer do seu pouco tempo como artista. Abordamos também o método que ele utilizava para pintar, que sempre estava em constante mudança, suas inspirações para produzir e se relacionar com a arte e por último suas obras, que para muitos eram estranhas e sem valor.

No terceiro capítulo, analisamos os resultados obtidos através das pesquisas e do estudo referente ao artista Van Gogh. Dentro do mesmo, foi possível observar como o processo educativo do artista influenciou em seu desenvolvimento. Foi demonstrado como o mesmo pode contribuir para o desenvolvimento do ensino aprendizagem, juntamente com a arte. Dessa forma, dentro deste capítulo foi desenvolvido análises que contribuíram para elucidar o problema de pesquisa.

Minha pesquisa se iniciou com o seguinte problema: o desenho pode ser utilizado como instrumento educativo, o qual proporciona uma formação para o indivíduo que estabelece um contato com ele? Para realizar esse estudo, tomamos como fonte de análise o caso específico de Van Gogh.

No decorrer da mesma, consegui resolver e compreender as questões que envolvem o mesmo. Percebi com o artista analisado, que a arte é uma linguagem e está presente em nossa sociedade desde o princípio, porém, que a falta de incentivo, monotonia e o uso inadequado da mesma pode levar o indivíduo a se tornar estático e sem criatividade.

A partir dessa pesquisa percebi que são inúmeras às vezes em que o docente pode causar essa estagnação, ao forçar a criança a sair da sua arte infantil, usar discursos que levam a insegurança e modelos prontos estereotipados são exemplos que tornam esse ato estático. Dessa

forma, é possível perceber o quanto as crianças são privadas da criatividade pelos modelos prontos que regem nossa sociedade.

Deste modo, esses motivos contribuíram para ir afundo nessa pesquisa. Com isso percebi que a arte move toda a nossa sociedade e os indivíduos, seja dentro ou fora das instituições escolares. Sendo assim, a mesma contribuí para o desenvolvimento motor, cognitivo, sentimental, compreender outras culturas e etc. Entretanto, através do desenho, podemos também compreender emoções ocultas pelos indivíduos, já que contribui com a reflexão sobre o nosso meio social e emocional.

Conforme o exposto, minhas hipóteses também foram respondidas, pois a partir desse estudo é notório que o desenho pode contribuir para a transformação do indivíduo, além de que, o artista Van Gogh é um exemplo que pode contribuir para esse desenvolvimento, já que com sua história é possível traçar metodologias que busquem analisar o mesmo, adquirindo competências necessárias.

Partindo disso, os objetivos iniciais que propus foram alcançados, ou seja, consegui observar que a história de Van Gogh nos permite perceber que a arte não deve ser vista como uma forma de lazer, apontando as falhas que o ensino da mesma contém. Dessa forma, o uso do artista auxiliaria bastante para o desenvolvimento de um ensino de desenho significativo, pois são inúmeros os aprendizados que o artista nos traz.

A partir da história do artista podemos ver o quanto ele lutou para conseguir aprender técnicas artísticas, que naquela época eram incompreendidas, mas que hoje contam sua história e dedicação, demonstrando como Van Gogh pode contribuir para o ensino da arte e para o desenvolvimento do ser humano.

O mesmo nos faz refletir profundamente sobre a realidade e contribui também para o auxílio de pertença, ou seja, sentir que você pode se tornar um artista apesar de todas as dificuldades, se sentir motivado para continuar estudando, desenhando e apreciando a arte. Pois é essa luta que vemos em sua história, um homem que lutou pelo seu espaço, apesar de todos os desafios. O meu método de análise facilitou nesse estudo pois utilizei concepções de autores que compartilho a mesma concepção. Foi revelado o quanto a arte desenvolve o indivíduo em todos os quesitos.

Dessa forma, o conceito que me dediquei a pesquisar foi o de arte, dentro dos vários existentes, usei a definição apresentada por Nildo Viana, que define que a arte é uma expressão

figurativa da realidade, ou seja, ela exprime os valores daquele artista. Na minha concepção o mesmo foi suficiente, pois colaborou bastante para a compreensão do meu tema.

Para mim, o que mais me ajudou durante essa pesquisa foi a vontade de compreender mais sobre este mundo. Através das minhas vivências busquei observar de que forma Van Gogh enquanto artista pode contribuir para entender os aspectos educativos que a arte do desenho pode proporcionar para o indivíduo, pois queria que as demais pessoas enxergassem o potencial pedagógico que essas análises auxiliam tanto no ensino da arte quanto socialmente.

Portanto, a mesma representa para mim muito estudo e paixão pela arte do desenho por isso estou satisfeita, já que o medo do início era não conseguir abordar de forma clara o que pretendia, mas a partir da propriedade que adquiri, percebi que cumpri com o meu objetivo inicial. Por esse motivo, assim como todos os artistas que citei nessa obra não desistiram da arte, peço que todos tenham um apego pela mesma. Já que agora todos compreendemos que ela não é só um mero desenho ou música, mas sim histórias e culturas dos nossos povos, que contribuem para o desenvolvimento do ser humano e da nossa sociedade. Por isso é necessário ter um olhar acolhedor para mesma, pois para que aconteça da forma certa, é preciso de incentivos significativos.

Referências

- BOURDIEU, Pierre. **AS Regras da Arte: gênese e estrutura do campo literário**. São Paulo :Companhia das letras, 1996.
- BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- CARVALHO, Janaína Nogueira Maia; BROSTOLIN, Marta Regina. **Crianças como atores no espaço/tempo da creche: Um olhar pela sociologia da infância**. São Paulo, 2017.
- DERDYK, Edith. **Formas de pensar o desenho- Desenvolvimento do Grafismo Infantil**. 3. ed. São Paulo: Panda Educação, 2020.
- ESTÁCIO, Carolina de Santi. **A influência do processo criativo de Van Gogh em uma artista do século XXI**. Natal, 2018.
- IABELBERG, Rosa. **Desenho na Educação Infantil**. 1.ed. São Paulo: Melhoramentos Ltda, 2013.
- IECKER, Paloma Verri. **Arte e Educação: Uma análise crítica de sua importância no ensino fundamental**. Maringá: UniCesumar, 2019
- ISAACSON, Walter. **Leonardo Da Vinci**. 1.ed. Rio de Janeiro: Intrínseca Ltda, 2017.
- JANSEN, Leo; LUIJTEN, Hans; BAKKER, Nienke. **Van Gogh Letters**. Van Gogh Museum-Instituto Huygens, Amsterdã, 2009. Disponível em: <https://vangoghletters.org/vg/credits.html> Acesso: 12 de julho de 2022.
- MARTINS, Simone. **Museu Van Gogh**. História das Artes, São Paulo, 2017. Disponível em: < <https://www.historiadasartes.com/sala-dos-professores/museu-van-gogh/>> Acesso em: 30 de julho de 2022.
- MOREIRA, Ana Angélica Albano. **O Espaço do Desenho: A educação do educador**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- NAIFEH, Steven; SMITH, Gregory White. **Van Gogh, A vida**. São Paulo: Companhia das letras, 2012.
- NOMA, Amélia Kimiko; BACARIN, Lígia Maria Bueno. **História do movimento de Arte-Educação no Brasil**. Londrina, 2005
- SILVA, Gislene Santos de Paula. **A importância do ensino de arte no contexto escolar em uma escola de Ensino Fundamental**. Belo Horizonte, 2015.
- STOK, Barbara. **A história de Vincent Van Gogh**. Porto Alegre: L&PM, 2014.
- TEIXEIRA, Anísio. **As escolinhas de arte de Augusto Rodrigues: Arte e Educação**. Rio de Janeiro, v.1, n.1, set. 1970. p.3.
- VIANA, Nildo. **A Esfera Artística**. 1. ed. Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.